

A FORJA DO EU: O DISCURSO RACISTA EM "METAMORFOSE",
DE GENI GUIMARÃES

THE FORGE OF THE SELF: RACIST DISCOURSE IN "METAMORFOSE",
BY GENI GUIMARÃES

Cleide Silva de OLIVEIRA¹

Sebastião Alves Teixeira LOPES²

RESUMO: No conto "Metamorfose", presente em *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, a protagonista vive em um ambiente escolar marcadamente racista capaz de modificar seus comportamentos. Neste sentido, a personagem, ainda criança, passa pelos processos de autonegação, consciência de si, autoafirmação e empoderamento social como consequência do contato com o meio social discriminador no qual está inserida. O presente artigo tem como objetivo examinar as consequências do discurso racista na construção identitária da protagonista de "Metamorfose", de Geni Guimarães. Como aporte teórico, serão utilizados os trabalhos de Hall (2015), Mbembe (2014), Glissant (2005), Fanon (2008), Carneiro (2011). Conclui-se que a construção da identidade da personagem é fortemente marcada pelo discurso social pautado na discriminação contra o sujeito negro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira. Geni Guimarães. "Metamorfose". Raça. Identidade.

ABSTRACT: In the short story "Metamorfose", present in the collection *A cor da ternura*, by Geni Guimarães, the protagonist lives in a markedly racist school environment capable of modifying her behavior. Thus, the character, as a child, goes through the processes of self-denial, self-awareness, self-assertion, and social empowerment as a consequence of the contact with the discriminating social environment in which she is inserted. This article aims at examining the consequences of the racist discourse in the identity construction of the protagonist of "Metamorfose", by Geni Guimarães. As a theoretical contribution, the works of Hall (2015), Mbembe (2014), Glissant (2005), Fanon (2008), and Carneiro (2011) will be used. We conclude that the construction of the protagonist's identity is strongly marked by the social discourse based on the discrimination against the Black subjects.

KEYWORDS: Brazilian literature. Geni Guimarães. "Metamorfose". 'Race'. Identity.

"Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares em harmonias. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras." Geni Guimarães

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da Universidade Federal do Piauí. Professora da Secretaria de Educação de Estado do Piauí. Email: cleidedeoliveira@gmail.com.

2. Professor Associado da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: slopes10@uol.com.br.

Introdução

*A cor da ternura*³ (1998), de Geni Guimarães⁴ apresenta a escrita como mecanismo de resistência frente à assimilação das identidades brancas, ao combate à discriminação e ao posicionamento afirmativo da autoestima feminina. Florentina Souza refere-se à produção de escritoras negras como “uma estratégia de resistir ao epistemicídio” (2017, p. 25). A violência epistêmica é entendida como a negação do direito intelectual através de práticas de exclusão. No caso de Geni Guimarães, a escrita constitui reivindicação por um espaço social, bem como, uma maneira de resguardar a identidade e a história de seu povo. Numa alusão ao ato da escrita e à herança ancestral, a autora explicita sua busca por superação apesar de todas as adversidades pertinentes à sua condição. “O sujeito poético feminino apodera-se dos sistemas de representação para se auto definir, escolhendo os vínculos que lhe permitem falar de si, produzir identidades fora de modelos produzidos por olhares estreitos” (SOUZA, 2017, p. 32). Considerando a posição ocupada pela escritora enquanto mulher negra, observa-se a manifestação de resistência a partir do discurso de protesto e capaz de provocar reflexões.

A escritora e pesquisadora Serafina Machado complementa as ideias de Florentina Sousa afirmando que “a escrita dessas mulheres negras é uma resposta de raiva; raiva da exclusão, do privilégio incontestado, das distorções raciais, do silêncio, do uso doentio das estereotípias, do apagamento histórico, da traição e da marginalização” (2012, p. 143). Desse modo, Geni Guimarães sensibiliza o leitor através da história da protagonista Geni, que recebe o mesmo nome da escritora e tem a identidade marcada pelos embates com o racismo praticado na escola. Em *A cor da ternura* (1988), a raiva mencionada por Machado dará origem a um senso de humanidade que comove através da proteção materna; por meio do imaginário, da tristeza e das ações infantis; até a conquista do diploma de nível superior com o amparo paterno. Composta por dez contos, a obra abriga situações diversificadas no que se refere à construção identitária.

Considerando que a protagonista enfrenta o discurso racista no meio social em que está inserida, o problema de pesquisa central deste artigo reside na seguinte indagação: como é possível compreender o papel do discurso racista na construção da identidade da protagonista do conto “Metamorfose”? A personagem Geni passa pela autonegação ao ponto de violentar-se; chega à consciência de si quando percebe o motivo pelo qual é destrutada; aceita a si mesma e empo-

3. A obra é vencedora do Prêmio Jabuti, categoria autor revelação, no ano de 1990.

4. Geni Mariano Guimarães é poeta e escritora. É paulista e seu primeiro livro, *Terceiro filho*, foi lançado em 1979. Escreveu também *Da flor o afeto* (1981), *Leite de peito* (1988), *Aquilo que a mãe não quer* (1998), *A cor da ternura* (1998).

dera-se quando resiste. O resultado das muitas lutas psicológicas travadas, principalmente consigo mesma, é a internalização das dores inerentes à rejeição de seu corpo negro que, de forma gradativa, fará parte da constituição de sua identidade. Por outro lado, há afetividade e doçura na relação com a mãe de “voz distante, bravadoce. Bálsamo” (GUIMARÃES, 1998, p. 69). Ela entendia as brigas como cuidado, e esse amor permitia novas formas de aceitação diante dos problemas.

Para Stuart Hall, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o ‘eu’ e a sociedade” (2015, p.11). O acúmulo de experiências participa da construção identitária de maneira paulatina. Sobre o caráter processual das construções identitárias, Hall afirma que indivíduos pós-modernos estão sempre em contato com situações transformadoras de seus posicionamentos. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (2015, p.12). Em “Metamorfose”, isto ocorre através da ação das personagens com a presença de atitudes de preconceito racial e da repercussão que a convivência com esta dificuldade tem para a identidade da protagonista. A fim de alicerçar os processos em análise, é importante considerar o lugar de fala da escritora, pois se entende que a sensibilidade para enunciar o discurso exposto provém de suas relações com o contexto revelado na obra literária.

A partir das palavras de Djamilá Ribeiro (2017, p. 69), “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o espaço que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” referenciar a importância da posição enunciativa de Geni Guimarães: somente da condição feminina conhecedora dos desafios de uma criança negra no ambiente escolar é possível ter propriedade para esta escrita. De acordo com Conceição Evaristo, escritas tais como a de Geni Guimarães desconstruem as exposições anteriormente realizadas no sentido de que consideram o lugar de enunciação da pessoa negra, conferindo voz a quem antes não a tinha. “Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral” (EVARISTO, 2011, p. 134-135). Ao contrário do cânone, a escrita em análise apresenta o protagonismo e humanização das personagens negras.

Neste sentido, objetiva-se examinar as consequências do discurso racista na construção identitária da protagonista Geni do conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães. Tomando por base os sofrimentos causados pelo discurso racista no âmbito escolar, especialmente no que se refere à autoestima, a autonegação surge como primeira forma para conviver com tamanho problema. O fato de não

ser aceita e de não ter credibilidade a levava à exclusão até o conhecimento de si quando efetivamente entendeu o motivo do comportamento de seus pares. Neste momento, surge a resistência porque ela entende que é preciso conviver em sociedade com as armas que tem disponíveis, inclusive, com a própria cor da pele. O próximo passo será o empoderamento que surgirá depois da certeza de seus valores, de sua história e de sua beleza.

1. *A cor da ternura*: da representação do racismo à resistência

A epígrafe transcrita no início deste ensaio apresenta, de maneira metafórica, a importância que o trabalho literário tem para Geni Guimarães. Cita-se como *pastora* e como *messias* para revelar o quanto assumir-se como mulher negra na literatura pode contribuir para discutir e alertar contra o preconceito racial e a favor da afirmação identitária do negro. Com isso, traz à tona sua posição contrária às posturas racistas e à negação do valor cultural dos afrodescendentes. A expressão *porte de arma* é uma referência ao uso da escrita como instrumento na luta contra o silenciamento imposto historicamente a mulheres negras.

Paulista de origem humilde, Geni Guimarães reconheceu desde cedo sua afinidade com a escrita. “Acredito que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças” (GUIMARÃES, 1998, p. 94). Em *A cor da ternura* (1988), ela apresenta como justificativa para sua escrita as questões sociais inerentes a seu povo, isto é, o racismo que compromete a presença de autores/as negros/as no meio literário. Além disso, confere um tratamento humano às suas personagens. A autora acrescenta: “Baseada nessa crença, fui buscar minha menina das fazendas e escrevi *A cor da ternura*” (GUIMARÃES, 1998, p. 94). A escritora assume o caráter autobiográfico da obra que conta sua trajetória. A protagonista se chama Geni e a obra reúne um conjunto de contos que atravessam da infância à fase adulta quando se torna professora. Vale ressaltar que esta é a profissão exercida por Geni Guimarães até os dias atuais.

No conto, a personagem negra não é apresentada como um estereótipo, mas como um ser humano com suas angústias e superações. “Pluft, pluft... meu coração lá foi de novo pulsar na garganta. Era a hora e a vez de expor meu poema. Não podia perder a chance. Mas como conseguir coragem? E se errasse?” (GUIMARÃES, 1998, p. 60). Os sentimentos de Geni são intensos e retratam o objetivo da autora em demonstrar toda a sensibilidade inerente à pessoa, independente do pertencimento a uma raça, o que não ocorre na literatura canôni-

ca. Assim a ficção tratava as personagens negras: estereotipadas e raramente protagonistas. Registros de escritoras negras são raros e o que prevalece é a invisibilidade. Assim, a autora demonstra resistência através da construção de narrativas que apresentam reinvidicação social.

Para Bell Hooks, existe “sempre a necessidade de demonstrar e defender a humanidade dos negros incluindo sua habilidade e capacidade de raciocinar logicamente, pensar coletivamente e escrever lucidamente” (1995, p. 472). A protagonista de “Metamorfose” é ativa; apesar do medo, empreende ações contrárias à exclusão. Exemplo disto é o fato de ver todas as amigas brancas despedirem-se da professora com um beijo no rosto e o quanto a dúvida em tomar ou não esta atitude a maltratava. “Novo disparo no peito e o coração de volta para a garganta. O beijo!” (GUIMARÃES, 1998, p. 55). A menina decide beijar Dona Odete, mas na saída, quando olha para trás, a professora está limpando o rosto com as costas da mão.

Pude ver então sua mão, bem na palma. Era branca, branca, branca. Parecia a asa da pomba que sempre pousava no telhado da casa da dona Neide do seu João Preto. Será que asa de pomba era mão, ou será que mão de gente é que era asa? (GUIMARÃES, 1998, p. 55).

A autora adentra o fantasioso mundo da menina ao mesmo tempo em que mergulha nas angústias da criança negra, exposta ao preconceito existente no meio escolar. Dessa forma, a jovem protagonista começa a perceber as diferenciações entre branco e negro, e quão estigmatizados socialmente são os sujeitos negros.

Segundo Omar da Silva Lima (2009, p. 76), Geni Guimarães preocupa-se em caracterizar a personagem “como um ser humano normal, dotada de inquietações, embrenhadas no mundo do faz-de-conta (...)”. De forma poética, a escritora confere voz ao que constitui aflição em sua personagem. As reflexões sobre a cor branca sugerem a relevância política que a diferença entre as culturas é capaz de originar no indivíduo desde a primeira idade. É justamente o embate entre a cultura negra e a branca que Geni Guimarães apresenta por meio dos conflitos da protagonista. Mais que isso, é uma ilustração da não aceitação da raça negra e de todas as consequências que isto representa para a construção identitária da personagem.

Neste contexto, é importante mencionar o conceito de rizomas elaborado por Édouard Glissant, que se referem ao encontro das identidades com distintas raízes. Eles fazem parte das culturas compósitas: aquelas nas quais ocorre o contato entre elementos culturais heterogêneos. De acordo com Glissant (2005, p. 18), “o mundo se crioualiza” isto é, do encontro entre culturas, surgirão novas identidades. Por outro lado, ele adverte que a crioualização não ocorre de maneira plena se houver inferiorização de elementos culturais.

Os fenômenos de criouliização são fenômenos importantes porque permitem praticar uma nova abordagem da dimensão espiritual das humanidades. Uma abordagem que passa por uma recomposição da paisagem mental dessas humanidades presentes hoje no mundo. Porque a criouliização supõe que, os elementos culturais colocados em presença uns dos outros devam ser obrigatoriamente “equivalentes em valor” para que essa criouliização se efetue realmente. (2005, p. 20-21).

O desequilíbrio entre os elementos culturais origina uma criouliização incompleta e gera as injustiças entre os povos: esta é a realidade afro-brasileira. Continua Glissant: “Ora, no atual panorama do mundo uma questão importante se apresenta: como ser si mesmo sem perder-se a si mesmo?” (2005, p. 28). O mais difícil para a protagonista Geni era encarar o outro com aquilo que ela tinha a oferecer porque o temor da rejeição a levava à exclusão. O fato de a cor de sua pele ser utilizada como parâmetro para sua não aceitação é uma injustiça, contribui para a construção de sua identidade porque marca seus comportamentos e revela posturas relacionadas ao racismo a que vive submetida.

A cor da ternura também traz uma apresentação positiva de uma identidade afrodescendente na qual há valorização da cultura negra e respeito às raízes ancestrais (CAPELIN; MARQUEZI, 2015, p.11). A ancestralidade é representada pela personagem de Vó Rosária: uma senhora de 98 ou 112 anos, não se sabe ao certo, que contava as histórias do período da escravidão. No conto “Tempos escolares”, há uma ênfase na oralidade trazida pela anciã. Ela conta narrativas no sentido de exaltar a figura de personagens históricas como a Princesa Isabel. Além disso, o pai de Geni confirmava os relatos, o que fazia com que ela tivesse certeza de que a libertadora dos escravos era mesmo uma santa. “Rezei três pais-nossos e três ave-marias. Ofereci a Santa Princesa Isabel, pedindo-lhe que no dia seguinte não me deixasse perder a hora de levantar, nem esquecer o nariz sujo” (GUIMARÃES, 1998, p. 51). Era importante para a menina ter um símbolo como referência para seu povo, inclusive para acalmar as dores que já sentia nos anos iniciais de sua vida. Depois do episódio do beijo dado na professora era importante chorar nos braços da mãe. “Deitei-me no seu ombro e tentei explicar minha dor sem nome: - Estou chorando porque estou com fome” (GUIMARÃES, 1998, p. 51). *A dor sem nome* era mesmo o racismo contra o qual ela aprenderia a lutar mais adiante.

A personagem Geni entendeu desde cedo que ao negro não são permitidos os mesmos privilégios dados aos brancos e que, pelo contrário, o grau de exigência para com o negro é muito maior. Isto foi ensinado pela mãe como uma forma de alerta, por exemplo, com relação à higiene pessoal. “Pelo amor de Deus, não

vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho antes de sair” (GUIMARÃES, 1998, p. 48). A garota ainda argumenta que sua amiga Janete “vai de remela no olho”, mas a mãe justifica que esta última é branca. É importante ressaltar o caráter cíclico que o racismo promove: se por um lado a pessoa negra aprende e ensina a lidar com o que lhe é imposto e cobrado, por outro lado, o branco perpetua seu lugar de privilégio e de poder social.

Processo semelhante descreve Frantz Fanon, ao relatar a forma como percebe o processo através do qual ocorre a discriminação dos sujeitos negros.

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, ‘que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo’. Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. (2008, 94).

Por outro lado, Fanon percebe o privilégio dos brancos, sempre valorizados em suas capacidades e habilidades, enquanto o negro é desumanizado e reduzido a mão-de-obra desqualificada. O psiquiatra martinicano, contudo, reage e busca resgatar a humanidade extirpada pelo discurso hegemônico e racista dos brancos, impondo socialmente seu *status* de sujeito, dotado, assim como os brancos, de todas as faculdades intelectuais e poder criativo.

A superioridade do branco preocupa a jovem protagonista Geni e sua família porque impõe comportamentos, mudanças de atitudes para que haja aceitação social. Ainda assim, a desigualdade sempre será tamanha ao ponto de colocá-la em condições desfavoráveis, talvez degradantes. O sofrimento pelos ancestrais e pelos descendentes é certo; os primeiros, pelo passado de escravização e os demais, por causa do presente e do futuro de preconceito. Por outro lado, ela aprenderá a conviver com as imposições que a raça lhe proporciona, mostrando empoderamento ao formar-se no conto “Momento cristalino”. O apoio dado pelo pai a conduz à superação e ela consegue exercer com perseverança o magistério. Aceita os desafios da condição de professora negra em “Força flutuante”. “Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos” (GUIMARÃES, 1998, p. 93). Consciente dos desafios passados e daqueles que ainda virão, ela segue demonstrando resistência.

2. “Metamorfose”: da autonegação à afirmação identitária

Para uma criança negra é um grande desafio frequentar a escola. No caso da protagonista Geni, o medo era seu parceiro, sobretudo quando era necessário participar de atividades nas quais ela teria que se mostrar. Nas séries iniciais já escrevia poemas, porém apresentá-los constituía um desafio. No primeiro dia de aula, ela levava na bolsa quatro versos sobre a Princesa Isabel.

Foi boa para us escravos
E parecia um mel
Acho que é irmã de Deus
Viva a Princesa Isabel.
(GUIMARÃES, 1998, p. 58).

Infelizmente, a coragem para apresentar o escrito lhe faltava. “Cada vez que tentava, ficava gelada e o coração já ia correndo bater na garganta” (GUIMARÃES, 1998, p. 58). Apesar disso, mostrou à professora que, após leitura minuciosa, chamou o diretor. Agora era a punição que lhe dava receio. “Imediatamente me deu vontade de urinar e vomitar. Será que havia feito alguma coisa errada? E se houvesse feito, iria para os grãos de milho nos joelhos?” (GUIMARÃES, 1998, p. 58). Fizeram várias leituras, mas não explicaram o motivo. No final, deram-lhe os parabéns e ela foi para casa feliz.

Próximo ao dia treze de maio, a professora, Dona Cacilda, propôs um recital de poemas para a Princesa Isabel. Geni estava mais uma vez nervosa: entre a vontade de candidatar-se para declamar o poema que havia escrito e o medo de ser recusada. Vários alunos levantaram a mão. “Levantei a minha, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas” (GUIMARÃES, 1998, p. 61). Não foi escolhida, mas insistiu para que o texto, antes aprovado, fosse agora exposto. “Falei tudo sem respirar. Sem piscar. Medo de não convencer, de apertar os olhos e as lágrimas escaparem do controle da emoção” (GUIMARÃES, 1998, p. 61). A insegurança era o resultado da luta para conviver com o preconceito.

A identidade da protagonista é construída de maneira processual. A personagem é marcada pelas vivências em sociedade, principalmente pelas angústias que sente e pelos gestos de repulsa oriundos de quem a rodeia. Para Stuart Hall, a identidade está “em constante formação nos indivíduos pós-modernos, por isso, é móvel e dinâmica. Pensá-la de uma maneira única é apenas fantasia, pois ela jamais será completa” (2015, p. 24). Neste sentido, a menina transforma-se de acordo com os sentimentos impressos pelo outro e por si mesma em cada

situação da qual participa. Depois de insistir com a professora, esta a aprova para declamar o poema. “Acariciou meu rosto e riu chochamente” (GUIMARÃES, 1998, p. 61). Infelizmente, ela percebe obrigação e não justiça no consentimento. “Sua mão parecia pena de galinha e seus lábios, no riso, tinham muito a ver com as casquinhas de tomate caipira que minha mãe colocava no tempero do arroz” (GUIMARÃES, 1998, p. 61). Através de metáforas, ela representa o quanto era frágil a confiança que lhe foi dada.

A professora e os colegas representam todos os temores de Geni. Eles contribuem para seus posicionamentos e para sua vida. Ainda segundo Hall, a identidade não é plena, mas composta “de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*” (2015, p. 24). De um lado, seus ancestrais a impulsionavam a homenagear a libertadora dos escravos; de outro, a escola imprimia rejeição implícita em gestos que ela percebia como a carícia no rosto que parecia frágil, forçada. Enfim, o outro estava em sua mente a todo o momento, decretando até mesmo seus sentimentos. Estava angustiada; duvidava se era correto ter insistido; tinha medo da apresentação, mas tinha gratidão pela Princesa Isabel. Chegou à consciência de si mesma enquanto criança negra através do alerta dado pela mãe e, principalmente, do comportamento de exclusão vivenciado cotidianamente na escola. Por este motivo, praticava autonegação. Ainda não tinha maturidade para construir resistência perante os maus-tratos.

Pensou em não comparecer à aula no dia da apresentação, mas em seu imaginário seria punida por Deus e pela Santa Isabel. Preferia ir a tornar-se uma pecadora. “Haveria na certa uma reunião no céu entre santos e santas, anjos e anjas... Não. Anjos e anjas não. Crianças não opinam, não decidem nada. Nem votam. Ah! Mas se eles pudessem...” (GUIMARÃES, 1998, p. 63). Em suas reflexões acreditava que anjinhos eram as crianças vizinhas que tinham morrido e resignava-se acreditando que crianças não podiam participar de decisões sérias, o que demonstra mais uma vez a consciência que tinha sobre si mesma. Contava os votos que receberia a seu favor. “A Tilica 1, que morreu de lombriga aguada, a Luzia 2, que morreu de bucho-virado, o Jorge 3, que morreu de cair no poço...” (GUIMARÃES, 1998, p. 63). Ela considerava que a cor da pele do anjinho determinaria o resultado da votação. “É. E tinha mais ainda e, por sorte, todos da minha cor. Seriam votos a meu favor, certamente. Fora a Ana, que era branca, o João Cláudio... Acho que até eles...” (GUIMARÃES, 1998, p. 63). Estabelece-se um vínculo afetivo entre os de mesma cor; os brancos constituem dúvida e isto explicita certa maturidade no pensamento da criança que já consegue estabelecer tal diferenciação.

A escritora adentra o universo infantil da personagem e confere verossimilhança ao texto ficcional. “Antes tremer, chorar, do que ser castigada por Deus. Por Deus ou por Santa Isabel? Pelos dois, claro” (GUIMARÃES, 1998, p. 63). A protagonista não é vitimizada, entretanto apresenta a conjuntura em que está inserida e que é castradora de seus direitos. Sueli Carneiro esclarece a respeito das consequências do racismo sofrido por crianças na escola, enfatizando o círculo vicioso ali formado: “A imagem de si mesmas será inferiorizada, e as crianças brancas que presenciaram as cenas provavelmente se sentirão superiores a elas” (2011, p. 76). De acordo com Carneiro, o racismo é responsável por formar este-reótipos e também privilégios. Por este motivo, é tão difícil estabelecer novas regras de convivências capazes de permitir condições de igualdade para todos.

No caso da protagonista Geni, o reconhecimento do preconceito a faz reagir aos medos e enfrentar as adversidades. Apesar da baixa autoestima, os motivos para resistir se sobressaem. Neste sentido, decide cumprir o combinado com a professora: aumenta o poema e prepara-se para a apresentação.

“Santa Isabel”
Os homes era teimosos
E os donos deles era bravo
Por isso a linda Isabel
Soltou tudo us escravo.
Foi boa que nem um doce
E parecia um mel
Acho que é irmã de Deus
Viva a Princesa Isabel.
(GUIMARÃES, 1998, p. 64)

A menina entendia pelos relatos de Vó Rosária que os escravos eram pessoas boas, mas o discurso da professora antes de iniciar a apresentação era de que se tratava de gente que trabalhava de graça e ainda apanhava. “Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!” (GUIMARÃES, 1998, p. 65). Pediu para ir ao banheiro. No intervalo ofertaram-lhe lanches como forma de compensação. “Não era como o leite, que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto” (GUIMARÃES, 1998, p. 65). A frustração que sentia era imensa ao ponto de sentir vontade de desaparecer. “Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida?” (GUIMARÃES, 1998, p. 65). O empenho em escrever um poema, a satisfação que seria em recitá-lo, a confiança em Vó Rosária, a admiração que sentia por sua raça: tudo desfeito em poucos minutos. É o ápice da consciência de ser negra:

sem heroína e sem santa; apenas com a clemência e com a maldade daqueles que, acima de tudo, pretendem manter seu lugar de favorecimento.

Geni Guimarães menciona suas inquietações através de sua voz enunciativa e do foco narrativo escolhido: “Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida era um silêncio todo meu, dor sem parceria?” (GUIMARÃES, 1998, p. 67). A criança ferida agora julga o quanto fez papel de idiota achando que era importante escrever versos quando na verdade era motivo para as risadas da turma, pois pertencia a uma raça inferior, covarde. “Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país” (GUIMARÃES, 1998, p. 67). E segue refletindo sobre os temores existentes no seio de sua família: o pai tinha medo do administrador, a mãe pedia para que ela não brigasse com o Flávio – um colega de turma - e ela tinha receio de tudo. A professora estava certa e ela tinha sido enganada. Tinha motivos suficientes para não se aceitar; já acreditava no discurso dos outros de acordo com o qual era inferior.

A raça é considerada a causadora das desigualdades sociais e em nome dela opera-se o desrespeito à diversidade. Ela “permite classificar os seres humanos em categorias distintas supostamente dotadas de características físicas e mentais específicas” (MBEMBE, 2014, p. 105). É por conta do pertencimento a uma raça que a protagonista sofre diferenciações capazes de modificar seus comportamentos, a maneira como age e como enxerga o mundo. Segundo Achille Mbembe (2014, p. 194), está inserida no conceito de raça a atribuição de valores com o objetivo de excluir as pessoas. Além disso, é em nome da raça que se renega a multiplicidade.

Presa em seu mundo, alheia aos outros e repleta de questionamentos, a garota só voltou a si quando a professora já havia desistido de chamá-la para recitar. Esta última prometeu que a apresentação ficaria para a próxima data comemorativa: o dia de Anchieta. Em casa, não conseguiu almoçar. “Sentia-me sem peso e quando mudava o passo achava que o chão à frente estava em desnível, longe, mole” (GUIMARÃES, 1998, p. 68). A repercussão psicológica do ocorrido era imensurável: “Esta foi a descoberta mais dolorosa da menina, a visão dos brancos sobre os negros” (LIMA, 2009, p. 69). Por outro lado, ela desconhecia o objetivo da classe dominante que era “manter o negro em ‘seu lugar’, como dizem, visando usurpar-lhe os direitos de homem e cidadão e, ao mesmo tempo, minar-lhe desde a infância a auto-estima” (LIMA, 2009, p. 69). No caso da garota, o abalo no apreço por si mesma é momentâneo, considerando o contexto de *A cor da ternura* porque nos contos que seguem ela encontra afirmação identitária e até empoderamento social.

Infelizmente, a exposição do negro ao preconceito racial provoca o desenvolvimento de processos como a autonegação. Faz parte do trajeto até chegar ao conhecimento, à aceitação de si e ao amor próprio. Para Franz Fanon, a inserção em um mundo composto por brancos proporciona dificuldades ao fênótipo negro, sobretudo no que se refere ao esquema corporal: “O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas” (2008, p. 104). A probabilidade de não ser aceita fazia com que a personagem se martirizasse e a desconstrução da imagem que tinha de seu povo representou uma vergonha perante os brancos e frente a si mesma.

Na zona rural onde morava a jovem protagonista, a palha de aço ainda não era utilizada para lavar os alumínio. As mulheres preparavam uma mistura para esta finalidade cuja matéria-prima era tijolo triturado. Vendo a mãe fazer o preparado e retirar o carvão do fundo de uma panela, Geni teve uma ideia:

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

No apogeu da autonegação, consequência da vergonha e dos maus tratos, a menina resolve livrar-se da cor da pele. Algo impossível, mas no imaginário infantil e, considerando toda a humanidade da qual a personagem é revertida, era inevitável uma reação. O trecho transcrito revela de maneira impactante as sensações psicológica e física de “dor e aflição provocados pelo racismo e preconceito presentes na sua trajetória. Também, sentimentos de mágoa, referentes a si mesma e a sua raça” (CAPELIN; MARQUEZI, 2015, p. 7).

Embora violenta, a atitude de Geni torna-se parte do processo de construção identitária que vivencia a jovem personagem, porque o entendimento de si mesma passa também pela fase de não aceitação. “Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d’água” (GUIMARÃES, 1998, p. 69). O resultado da agressão cometida contra si mesma é entendido pela protagonista, pois percebe que não pode seguir com tal atitude, entende que fez mal a si mesma e que o melhor é aceitar-se. A mãe tratou os ferimentos com uma erva chamada rubim, entendeu que se tratava de uma queda, reclamou. Depois de uma semana, “na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens” (GUIMARÃES, 1998, p. 69). Se não havia nada a fazer, restava esperar e resistir.

Mbembe afirma que o homem tem a capacidade de reconstruir-se. “É aquele que, coagido com a perda, a destruição e, até, o aniquilamento, fará surgir de tal acontecimento uma identidade nova” (2014, p. 229). Assim, o amor universal e irrestrito da mãe, o esforço do pai para que ela abrace a profissão escolhida, os irmãos, a herança ancestral e a essência da mulher resistente, já demonstrada desde a infância, fizeram com que a protagonista aprendesse a lutar e a empoderar-se. Para Joice Berth, o empoderamento é “uma postura de enfrentamento à opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade (2018, p. 16). Trata-se de lutar contra a invisibilidade e contra a objetificação imposta à pessoa negra. Do sofrimento, nascerá uma mulher com postura afirmativa diante da vida e dos outros. Conseguirá sair das estatísticas que previam para ela, no máximo, um trabalho doméstico. Terá força para batalhar contra as adversidades, conhecendo o inimigo e agindo contra ele.

Considerações finais

Observando o caráter processual com que a identidade da protagonista de Geni Guimarães é apresentada, o embate entre as culturas negra e branca constitui parte fundamental para o entendimento das situações de rejeição pelas quais a garota passa. A postura do outro e a maneira como ela é tratada faz com que suas atitudes sejam modificadas. Motivado pela extrema delicadeza com que a autora expõe a condição da criança negra, o leitor é levado a refletir junto com a personagem Geni sobre as violências psicológicas e físicas às quais uma criança poderá ser submetida somente por pertencer a uma raça construída pelo branco como inferior.

A emoção da autora é transmitida pelos relatos que ela mesma admite pertencerem à sua biografia. Independente disso, a ficção literária está pautada na realidade inserida no contexto de vida da protagonista e isto confere verossimilhança ao texto. Entender os mecanismos da construção identitária expostos nos comportamentos da protagonista Geni é considerar que, numa gradação crescente, a menina entende o porquê das posturas de sua mãe e de toda a sua família. Assim, os diferentes processos pelos quais ela passa evidenciam a violência. São relações de conflito que provocam a autonegação, cujo ápice é a violência física que ela comete contra si mesma. Ao mesmo tempo, promovem a consciência do pertencimento a uma raça, passando pela autoafirmação, ao perceber que o melhor é aceitar-se, e pelo empoderamento quando começará a entender que é

preciso conviver com aqueles que a julgam inferior. Embora admita que as dores continuam e continuarão por muito tempo, pois elas já compõem sua identidade, Geni entende que o melhor é superar.

Enfim, considerando aquilo que o conceito de raça impõe aos sujeitos, inclusive a busca por manutenção dos privilégios inerentes à pessoa branca, é importante salientar a postura de protesto que permeia o trabalho de Geni Guimarães. Trata-se de conferir voz e direitos a quem raramente os teve. Assim, a protagonista escreve um poema, tem dúvidas, sofre. É humana. Participa. Resiste.

Referências

- CAPELIN, Luciani; MARQUEZI, Rosângela Aparecida. *O reconhecimento da identidade negra em A cor da ternura*. 2015. 12f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2015. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/7114/1/PB_EL_I_2015_14.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2017.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- EVARISTO, Conceição. Uma poética de nossa afro-brasilidade. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: URI, 2011. p. 45-55.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. Ilustrações de Saritah Barboza. 12. ed. São Paulo: FTD, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, jul./dez., p. 464-478, 1995.
- LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. 2009. 172f. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/4137/1/2009_OmardaSilvaLima.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2017.
- MACHADO, Serafina Ferreira. Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança. *Revista Graphos*. Paraíba. v. 14, n. 2, p. 136-144. 2012.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?: Feminismos Plurais*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SOUZA, Florentina da Silva. Mulheres negras escritoras. *Revista Crioula*. São Paulo. n. 20, p. 19-29, jul./dez., 2017.